

**NA PALAVRA DE ÍNDIO TUPI E DE COLONIZADOR:  
AYMORE É COISA RUIM!**

AUGUSTO MARCOS FAGUNDES OLIVEIRA  
(CESUPI – UESC)

RESUMO

Contatar populações indígenas nos primórdios da colonização da América significou encontrar uma humanidade não visível nos escritos que versavam sobre o mundo, aliás, questionava-se se era Humanidade. Dos contatos feitos, havia mais que diferenças, havia desigualdades, alianças, contendas e europeus, índios e todas as mesclas autopoéticas criaram estratégias de sobrevivência, e alguns foram mais diferentes e desiguais, inferiorizados. O Aymoré é índio, portanto, selvagem da periferia do mundo habitado; dentre os índios é considerado monstro e a mais sórdida e fétida barbárie. Sua índole feroz e má foi reificada nos séculos XVI e XVII, logo, a manutenção deste grupo étnico enquanto o mau reforçava elementos identitários exógenos que o caracterizam como o mal. Indaga-se: 1 – quem era essa gente e quais relações perpassaram na construção desta imagem; 2 – que relação tinha esse *povo do diabo*, com o que se tornou projeto de colonização da região que hoje temos por Sul da Bahia.

Palavras-chave: Aymoré; índio; representação; colonização; mentalidade.

## Introdução.

Quando Vieira escreveu que *outros gentios são incrédulos até crer; os brasis, ainda depois de crer são incrédulos*<sup>1</sup>, este seu enunciado traduzia a consciência de uma época, e se considerarmos que dentre os grupos indígenas, os Tupi e Kariri<sup>2</sup> estavam numa linha de aproximação que, ainda que fossem descritos como *deficiência da vontade* e a *superficialidade de sentimentos*<sup>3</sup>, era gente fraca e de costumes bárbaros. Por sua vez, os Aymoré, gente cujo contato se fez mais difícil, situam-se como periferia desta gente, desde o início da labuta colonial.

Pelo olhar de quem nos deixou relatos, a figura do Aymoré está localizada num espaço que por si só representa oposição aos grupos Tupi, e conseqüente resistência à gradativa perda do seu território tradicional para o avanço da Colônia. Cabe frisar que, uma vez que os contatos e diálogos com os Aymoré só serão estabelecidos na última década do século XVI, as informações sobre estes grupos originam-se do olhar dos Tupi, estes que inicia-

---

<sup>1</sup> VIEIRA, Antonio. *Sermões*. São Paulo: Editora das Américas, 1957. vol. 5. p. 216.

<sup>2</sup> Tomamos por referência de localização os grupos das Capitânicas que abrangem a Bahia: Tupi e Jê.

<sup>3</sup> VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cossac & Naify, 2002. p. 186.

ram o sentido do desvendar a nova terra e suas gentes para aquele que chegava ao novo mundo.

Oportuno salientar que ao morador da Colônia<sup>4</sup>, num primeiro momento fizeram-se necessárias alianças com grupos diversos, dentre os quais os majoritários na Costa, que eram do tronco Tupi. Estas alianças passaram a garantir o avanço do projeto colonial, ao passo em que os índios aliados sobrepujavam os seus inimigos, aqueles que não estivessem devidamente amansados ou aldeados, e estes sim representavam um obstáculo a ser superado, dentre estes encontramos os Aymoré. Diga-se, de passagem, que o próprio termo Aymoré é termo em língua Tupi, e não em Borun, referência étnica do grupo.

Para tal empreitada, tomamos como premissa a seguinte hipótese: a suposta índole feroz e guerreira do terror representado pelos Aymoré e Gren foi reificada na colonização da Bahia nos séculos XVI e XVII por duas razões: tanto pelos obstáculos que diversos grupos indígenas criaram à expansão dos núcleos de colonização, quanto pelo fato de que o próprio retrato do terror permitia às elites que na colônia se faziam estabelecer angariar financiamentos para a execução de um projeto colonial e desta forma manter a Capitania de São Jorge dos Ilhéus funcionando.

Cabe então elucidar alguns elementos:

---

<sup>4</sup> Nos documentos dos séculos XVI e XVII o termo morador é encontrado mais em uso que colonizador.

- Quem era essa gente que passamos a conhecer através do olhar inicial dos Tupis e posteriormente dos colonizadores?
- Quais relações perpassaram na construção deste olhar, ou destes olhares?
- E que relação tinha essa gente, considerada *avesso de gente*, com o que se tornou projeto de colonização da região que hoje temos por Sul da Bahia?

## **1 – Aymoré: flauta ruim!**

Ao pensarmos Aymoré, pensamos povos indígenas no Brasil colonial e inevitavelmente relacionamos às Capitânicas Hereditárias na Bahia, pensamos o que comporia uma contradição: de um lado os grupos indígenas e do outro os núcleos colonizadores e seus agregados, tais agentes em confronto, numa espécie de contato no qual um e outro se contagiam num processo de convivência.

Os Aymoré são caracteristicamente de vasta fragmentação tribal, múltiplos nomes, cultural e lingüisticamente vinculados, pertencentes à ampla sociedade Macro-Jê, nômades por tradição<sup>5</sup>, e que estavam tanto em conflito com grupos Tupi, quanto a grupos colonizadores, o que reforçava contendas pela manutenção do seu território tradicional. Estevão Pinto escreveu:

---

<sup>5</sup> Questiono se ao invés de nômades eles não seriam transumantes.

Os *botocudos* (aimorés, guerens, boruns), que, com o nome de *aimorés*, se encontravam nas proximidades da costa brasileira, nas capitanias de Ilhéus, de Porto Seguro, da Baía, avizinhados com os tupinambás, tupiniquins, goitacás e tamoios (séc. XVI). As crônicas antigas estão cheias de notícias deles. (PINTO, 1935, p. 130.)

Aymoré não é o etnónimo do grupo, começamos a conhecê-los pelos termos: Tapuia e Aymoré/Guimarães. Ambos foram vulgarizados no imaginário e na produção historiográfica ou mesmo etnohistórica como aqueles bárbaros que incessantemente não teriam dado trégua à edificação colonial, viviam fomentado guerras e toda sorte de ataques. Sabe-se que a palavra Tapuia significa:

- Segundo Fernão Cardim: é o nome com que no Brasil os íncolas aliados aos europeus designavam as hordas adversas e principalmente as que não falavam a Língua Geral<sup>6</sup>. Também referência a *dos comprados, dos aprisionados, dos cativos, a récua ou a chusma*
- De acordo com Theodoro Sampaio é: fruto-origem das tabas ou aldeias, isto é, originário das aldeias e não-inimigo, de referên-

---

<sup>6</sup> CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980, p. 131.

cia aos primitivos habitantes que, pela invasão dos Tupis (*sic*) se refugiaram no sertão<sup>7</sup>. Referência ao forasteiro.

Quanto à palavra Aymoré, de acordo com Affonso A. de Freitas (1936, p. 74), deriva da palavra Aimberé: *flauta ruim*<sup>8</sup>, eles tocavam flauta pelo nariz devido o uso do botoque labial<sup>9</sup>. Mas ainda pesa uma indagação: quem era essa gente segundo o contexto daquela época?

Menciona-se Aymoré inicialmente em 1549, através de carta do padre Nóbrega, pelo nome *Guimares*, e naquele momento, estes ainda não inquietavam *a terra*, viviam nas florestas sem atacar Ilhéus, logo, de acordo com Silva Campos (1981), ainda não haviam dado mostras daquela indômita e feroz beliciosidade, e repugnância de trato com os colonos, que depois patentearam. O mesmo autor cita Nóbrega:

Há outra casta de gentios que chamam Guimares (247): é gente que mora pelos matos e nenhuma comunicação têm com os

---

<sup>7</sup> SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo : Editora Nacional; [Brasília, DF]: INL, 1987. p. 324.

<sup>8</sup> “Aimberé , por seu turno, vernaculizou-se em Aymoré, vocábulo com que designamos os aborígenes, primitivos habitantes da região serrana entre os Estados da Bahia, Minas Geraes, Espírito Santo e Rio de Janeiro, povos que se distinguem dos demais povos aborígenes, pelo uso que fazem do batoque ou botoque, rodela de madeira de 6 centímetros de diâmetro, introduzindo-a, à guisa de tembetá, em abertura praticada no beijo inferior”. (FREITAS, 1936, 74)

<sup>9</sup> Cf. Anexo.

cristãos, pelo que se espantam quando nos vêm e dizem que somos seus irmãos, porque trazemos barbas<sup>10</sup> como eles, as quais não trazem todos os outros, antes, se raspam (...)  
Estes gentios são como gigantes, trazem um arco mui forte na mão e em a outra pau mui grosso, com que pelejam com os contrários e facilmente os espedaçam e fogem pelos matos e são mui temidos entre todos os outros. (CAMPOS, 1981, p. 62-3)

Observa-se aí uma leitura do outro com base em informação de terceiros, ou de depoentes<sup>11</sup> que, de alguma forma, comprometidos em demonstrar que, ainda que houvesse isolamento do grupo, de algum modo este foi adjetivado como bravo e feroz. Desta forma, suspeitamos de duas fontes criadoras deste imaginário sobre o Aymoré como *o pior de todos*; uma fonte é ou seria Tupi, pois uma vez que os Aymoré situavam-se fora do que seria a zona de contato com os núcleos coloniais, os únicos e principais conhecedores dos interiores sertanejos deveriam ser os habitantes naturais da terra, os Tupis; a outra fonte reside no imaginário transatlântico, vindo da Península Ibérica.

---

<sup>10</sup> Merece destaque o fato de que o único autor aí contemporâneo a citar os Aymoré barbados é Nóbrega.

<sup>11</sup> Estes sujeitos, na utilização da língua, expõem conflitos estruturais e fazem uso da comunicação para reforçarem o seu poder. Tomamos de empréstimo a idéia de língua como superestrutura em BAKHTIN, Mikhail (1997).

## 2 – Tentando decifrar o enigma, ou quem pintou os Aymoré assim

As informações iniciais sobre os Aymoré, como sabemos, tiveram um informante que era um sujeito local, este teria passado a mensagem ao morador ou ao viajante, estes agregaram tais informações ao seu referencial de mundo eurocêntrico. Tomemos por referência o fato de que se situavam distantes, nas matas, no desconhecido, mas quem afirmara que eles eram desse ou daquele jeito certamente já havia contatado tal povo.

Cardim, no seu livro *Tratados da terra e gente do Brasil* mencionando grupos Tupis nos traz uma informação bastante interessante, pois é vasta e ao mesmo tempo anterior à apaziguação dos Aymoré por Álvaro Rodrigues Adorno<sup>12</sup>:

Ha outras nações contrarias e inimigas destas, de diferentes linguas, que em nome geral se chamam *Tapuya*, e também entre si são contrarias; primeiramente no sertão vizinho aos *Tupinaquins* habitão os Guaimurês, e tomam algumas oitenta léguas de costa, e para o serão quando querem, são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos tem os couros muito rijos, e para este effeito açoutão os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos; não têm roças, vivem de rapina e pela ponta de frecha, comem a mandioca crua sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usão de uns arcos muito grandes, trazem os paus feitiços muito grossos, para que em chegando logo quebrem as cabeças. Quando vêm á peleja estão escondidos debaixo de folhas, e dali fazem a sua e são mui temidos, e não ha poder no mundo que os possa vencer; são

---

<sup>12</sup> Sobre tal apaziguação, cf. CAMPOS, op cit, p. 89-90.

muito covardes em campo, e não ousão sair, nem passam água, nem usam de embarcações, nem são dados a pescar; toda sua vivenda é do mato; são crueis como leões; quando tomão alguns contrários cortão-lhe a carne com uma canna de que fazem as frechas, e os esfolão, que lhes não deixão, mais que os ossos e tripas: se tomão alguma criança e os perseguem, para que lha não tomem viva lhe dão com a cabeça em um pau, desentranhão as mulheres prenes para lhes comerem os filhos assados. Estes dão muito trabalho em Porto Seguro, Ilhéos e Camamu, e estas terras se vão despovoando por sua causa; não se lhes pode entender a lingua. (CARDIM, 1980, p. 103)

Gândavo (1980), inserido no contexto maior de *entradas* afirma:

Pelas terras desta Capitania até junto do Espírito Santo, se acha uma certa nação de gentio que veio do sertão há cinco ou seis anos, e dizem que outros índios contrários destes vieram sobre eles a suas terras, e os destruíram todos e os que fugiram são estes que andam pela Costa. Chamam-se Aymorés, a língua deles é diferente dos outros índios, ninguém os entende, são eles tão altos e tão largos de corpo que quase parecem gigantes; são muito alvos, não têm parecer dos outros índios na terra nem têm casas nem povoações onde morem, vivem entre os matos como brutos animais; são muito forçosos em extremo, trazem uns arcos muito compridos e grossos conforme a sua força e as frechas da mesma maneira. Estes índios têm feito muito dano aos moradores depois que vieram a esta Costa e mortos alguns portugueses e escravos, porque são inimigos de toda gente. Não pelejam em campo nem têm ânimo para isso, põem-se entre o mato junto de algum caminho e tanto que passa alguém atiram-lhe ao coração ou a parte onde o matem e não despedem frecha que não na empreguem. Finalmente, que não têm rosto direito a ninguém, senão a traição fazem a sua. As mulheres trazem uns paus tostados com que pelejam. Estes índios não vivem senão pela frecha, seu mantimento é caça, bichos e carne humana, fazem fogo debaixo do chão por não serem sentidos nem saberem onde an-

dam. Muitas terras viçosas estão perdidas junto desta Capitania, as quais não são possuídas dos portugueses por causa destes índios. Não se pode achar remédio para os destruírem porque não têm morada certa, nem saem nunca dentre o mato. E assim quando cuidamos que vão fugindo ante quem os persegue, então ficam atrás escondidos e atiram aos que passam descuidados. Desta maneira matam alguma gente. Todos quantos índios há no Brasil são seus inimigos e temem-nos muito, por que é gente atraçoada. E assim onde os há nenhum morador vai a sua fazenda por terra que não leve quinze, vinte escravos consigo de arcos e frechas. Estes Aymorés são muito feros e cruéis, não se pode com palavras encarecer a dureza desta gente.

Não andam todos juntos, derramam-se por muitas partes, e quando se querem ajuntar assobiam como pássaros ou como bogios, de maneira que uns aos outros se entendem e se conhecem. Também os portugueses matam alguns deles, e têm muitos destruídos, principalmente nesta Capitania dos Ilhéus, e guardam-se muito deles, porque já sabem suas manhas e conhecem muito bem sua malícia. (GÂNDAVO, 1980, p. 4)

Outras citações que certamente auxiliaram na construção desta figura do índio Aymoré, e para tal, naquele contexto dos séculos XVI e XVII, era comum generalizarem etnias, *já que era tudo índio*, ou apenas diferenciar um grupo do outro pela oposição de aldeado ou reduzido, de algum modo alisado<sup>13</sup> pelo avanço da sociedade colonial, ao morador da mata, e de indômito.

---

<sup>13</sup> Tomamos a idéia de alisamento a partir de DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol 1, Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995. 96 p.

Estevão Pinto (1958)<sup>14</sup> escreveu que *o aborígine era, em geral, uma entidade quase secundária, interessando apenas quando dele se podiam tirar informes de proveito para o comércio estrangeiro*, o mesmo autor, citando viajantes, padres e estudiosos, dentre outros, nos permite compor o seguinte quadro comparativo sobre como se representavam os índios:

- Vespúcio via o indígena brasileiro como um “monstro alvar e cruelíssimo, mantido com a carne dos inimigos” (p. 10);
- Malheiro Dias alertou para o fato de que passaram para a “cartografia quinhentista as hórridas legendas”, que assinalavam o Brasil como “*o país terrificante dos devoradores de carne humana*” (p. 10);
- Giovanni da Empoli – “*mangiano per commune uso carne humane: lequali seccano al fummo, come noi, la carne di porco*” (p. 11);
- Pigafetta figura o gentio Tupi como aquele que às vezes comia carne humana, mas somente a do inimigo, frisando o caráter ritual da antropofagia, ainda em idos de 1519 (p. 12);
- Nóbrega – “*os melhores gentios de Brasil eram os Carijó; os Aymoré ao contrário, mostravam-se esquivos, e pouco comu-*

---

<sup>14</sup> Tomamos este autor por ser peça fundamental na construção da própria idéia de etnohistória indígena no Brasil.

*nicativos, distinguindo-se dos demais por sua estatura agigantada e por conservarem barba” (p. 22);*

- Anchieta afirmava que dos índios do Brasil, *“todos porém com raras exceções eram antropófagos, mas entre os Tapuia havia nações que não tinham o tal costume. Os Ibirajara, por exemplo, nutriam verdadeiro horror a carne humana” (p. 22);*
- Thevet – *“o selvagem brasileiro vivendo à maneira dos animais irracionais” (p. 32);*
- Gabriel Soares de Sousa menciona que *“os Aimorés, espalhados pelas capitâneas de Porto Seguro e dos Ilhéus, eram selvagens de porte mais elevado que os demais, grandes corredores, levando vida errante e vivendo exclusivamente da caça; quando chovia, esses indígenas arrimavam-se ao pé de uma árvore e ali construía abrigos provisórios, além disso os Aimoré gostavam de armar emboscadas aos inimigos, não sabiam nadar e comiam carne humana por mantimento ao contrário dos índios de outras tribos, que só faziam por vingança”;*
- Knivet – consta que *“da Bahia de Todos os Santos aos Ilhéus dominam os Aimorés (gentios de estatura elevada, corredores exímios, de vida nômade, os quais dormem no chão)”.*

Mencionar tais trechos recolhidos de Pinto, que já teve a preocupação em decodificar esta construção imagética, reforça retomar o contexto, de idéias contraditórias sobre o grupo que ora

focalizamos, e que, segundo Guerreiro (1985, p. 11), nestas leituras *o ambiente físico é determinante, assim como sua configuração somática e implicitamente da índole* desses índios, *prolongamento de um determinismo geográfico*. É a nova terra que é imperfeita, e sua gente é fruto desta terra<sup>15</sup>.

Tal determinismo não ocorrera à-toa ao processo de expansão colonial, o mesmo Guerreiro (*Ibidem*, p. 9), citando Silva Dias afirma: acreditavam os antigos e assim mesmo a Idade Média, Plínio, Solino, Santo Isidoro de Sevilha, que fora do mundo arábico-cristão e sua periferia os homens eram disformes e o mar e a terra povoados de monstros.

Para Laura de Mello e Sousa (1988) faz-se sempre presente aludir a homens selvagens, desta forma alude-se também ao estranho, ao monstro, e estes associados à heresia, o que fora relativamente quebrado por Colombo, que desmentia velhas lendas, contudo, reforça a autora, que *como os monstros, o homem selvagem não era novo, tendo raízes no mundo antigo*. Afirma ainda que este era a antítese do cavaleiro, opunha-se ao ideal cristão, logo *seus atributos espirituais eram vistos como negativos, enquanto os dotes físicos eram considerados positivos*.

A mencionada autora reforça, citando Gagnon, que *a humanidade monstruosa exprimia marginalidade geográfica, cons-*

---

<sup>15</sup> Interessante destacar a discussão sobre a natureza do novo mundo em GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo*. Fondo de Cultura Económica. México. 1982. 884 p.

*tituindo representação concêntrica do mundo: já o homem selvagem exprimia marginalidade sociológica, constituindo representação hierárquica do mundo: é monstro e é selvagem.*

Ainda fundamentando em Souza, os índios foram percebidos como outra humanidade e como animais, bestiais, no sentido pejorativo que possamos atribuir à palavra. Continua a autora afirmando que *fundidos ao homem selvagem, os quase simpáticos monstros europeus se animalizaram e se diabolizaram na colônia muito mais do que nos centros hegemônicos*. Ela nos aponta algumas classificações dos índios na voz de alguns europeus que vivenciaram o contato na época:

- Barléu fulmina com um julgamento de valor: “enfim comprazem-se admiravelmente em sórdida e fétida barbárie”;
- Thevet oscila mais indeciso. Os índios são uma “canalha” e são “grosseiros”; mas, crédulos, manipulados por seus profetas, são uns coitados — “*ces pauvres gens*”, diz, compungido.

Importante destacar nesta tentativa de associar elementos da construção da representação do índio Aymoré, pois Souza (*Op. cit.*, p. 59-60) descreve ataques dos *tapuias gueréns* em Ilhéus e na Bahia, nos quais a tirania indígena se faz naturalmente bizarra ao cravar corpos inteiros de *frechas*. Há que se considerar que na

cosmogonia Borun o corpo deve estar preso ao chão, senão a alma vai se tornar assombração<sup>16</sup>.

Outro detalhe que se soma a este determinismo é o medo, ou o pavor em ser comido por aquela *humanidade anti-humana, povo do diabo*, seja pelo fato de se estar no Brasil, palavra derivada de brasa, de coisa quente do diabo, de chamas infernais, ou seja pelo fato de se associarem os índios à gente do diabo mesmo, daí a necessidade em cristianizá-los, pois *o diabo não entregaria o seu povo de mão beijada ao inimigo*.

Vê-se então que, de alguma forma, imagens diversas foram associadas segregando os *índios conversos* daqueles *índios brabos*. Mas ainda assim cabe revê-las como um campo de justificativa e que talvez tenha sido prático na dinâmica local, autopoética para além das lendas trazidas e mesclando-se e se reconstruindo na hibridação dos modelos de inimigo pintados pelos povos antagônicos aos Aymorés, fossem índios ou moradores da Colônia.

### **3 – Desbravando sertões – jogo de imagens e submissão do outro**

Ao retornarmos ao cenário da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, sabemos que aqueles índios, já negativamente famosos

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Augusto Marcos Fagundes. *Ser pataxó: educação e identidade cultural*. Orientadora: Marli Geralda Teixeira. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Santa Cruz. Faculdade de Educação. Ilhéus, Ba: UFBA/UESC, 2002.

nos escritos em 1549, começaram a ampliar a má fama de guerreiros, pois iam dar assaltos tanto em Porto Seguro quanto em Ilhéus. A partir da entrada de Francisco Bruzza de Spinoza para explorar os rios Buranhém, Jequitinhonha e São Mateus em 1555, e que confirmava presença de tais gentios entre o Jequitinhonha e Pardo<sup>17</sup>.

Posteriormente, nos informa Silva Campos (*Op. cit.*):

Diminuídos sensivelmente os índios de sangue tupi pelas devastações e chacinas que haviam sofrido na campanha de Mem de Sá, seis aos antes, pelas febres de 62, pela peste de 63, bem como pela fome que se lhe seguiu e ainda perdurava, os truculentos aimorés, que tinham irrompido no ano de 61 em Porto Seguro, estenderam as suas hostilidades à Capitania dos Ilhéus. (CAMPOS, 1981, p. 61)

A partir de então, tais Aymoré são mencionados como senhores das florestas e são localizados em diversos rios, e teriam *especial repugnância de trato com os colonos*, o que em idos de 1549, quando mencionados por Nóbrega não era tão marcado.

Talvez a presença de outrem em seu território tenha sido um catalisador à ferocidade Aymoré, à defesa de seu locus, e certamente tais agentes não chegavam tão pacífica e ordeiramente aos moldes do ethos *aymoré*. Tal ferocidade pode ter sido aumen-

---

<sup>17</sup> EMMERICH, Charlotte MONSERRAT, Ruth. *Sobre Aymorés, Krens e Boto-cudos – notas lingüísticas*. Ministério da Agricultura/ Fundação Nação Nacional do Índio/Boletim do Museu do Índio. Antropologia, n. 3 Outubro 1975.

tada se considerarmos as diversas expedições explorando desde o Rio São Francisco, passando pelos rios Paraguaçu, Grande, Jaguaripe, Verde, Contas, Jequitinhonha, Pardo, Doce e Mucuri, mapeando centro, sul e oeste, e destas expedições destacamos as de Bruzza de Spinoza, Vasco Rodrigues Caldas, Martim de Carvalho, Sebastião Fernandes Tourinho, Antonio Dias Adorno, o próprio Gabriel Soares de Sousa, Belchior Dias Moréia.

Tais empreitadas somadas a avanços das missões e aldeamentos revelavam também alianças dentre povos indígenas, povos em comunicação, conforme escreveu Cardim (*Op. cit.*):

Outros se chamão Mainuma, estes se misturão com Guaimurês, contrarios dos do mar; entendem-se com os Guaimurês, mas têm outra lingua. Outros há que chamão Atuary também entrão em communicação com os Guaimurês. Outros que se chamão Quigtaio, também communicão e entrão com os Guaimurês. Há outros que se chamão Guigpé; estes foram moradores de Porto Seguro. Outros chamão Quigrajubê, são amigos dos sobreditos. Outros que chamão Angararî, estes vivem não muito longe do mar entre Porto Seguro e o Espírito Santo. Outros se chamão Amixocori são amigos dos de cima (...) Outros há que chamão Quiriciguig, estes vivem no sertão da Bahia, bem longe. Outros que chamão Guirig são grandes cavalleiros e amigos dos ditos acima. (CARDIM, *op. cit.*, p. 105)

Uma vez que tais gentes habitavam terras que eram legalmente propriedade de outros donos, tomando-se por Lei o sentido que Gândavo adotou: *A língua deste gentio toda pela Costa é, uma carece de três letras –scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem*

*Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.* Havendo articulação entre tais gentes, negação em se submeter ao outro poderoso que chegava se proclamando destruidor do seu universo e Senhor de tudo que havia, confirmava-se o inferno local e o inferno como condição de ocaso de tais povos.

Se tais gentes implicavam um inimigo distante, ou de eventuais encontros, para quem chegava para efetivar a Colônia; tal obstáculo se fazia presente desde o primeiro momento, ao adentrar sertões com grupos de batedores inimigos dos Aymoré. Aos Aymoré cabia defender seu território e sua gente; e, contrário ao que se fez crer, não viviam tão isolados no mato, mas o mato conforme concebido nos universos culturais indígenas, que não era a mata virgem, mas redes de comunicação, deslocamentos e fluxos migratórios. Cabendo a estes agentes ameríndios a guerra como forma de enfrentamento, mas que mantinha o diálogo desigual, fosse relativo ao espaço vital, fosse o estilo de vida, estes que se impuseram como legítimos na construção da Colônia, pois a Colônia tinha outros donos, não era mais o território da sua ancestralidade, ele fora alterado.

A partir da ação de Álvaro Rodrigues Adorno, os Aymoré que viviam nas imediações de Ilhéus e Camamu foram submetidos, amansados, mas sem perderem o estigma que lhe servira de retrato das suas almas. Silva Campos (*Op. cit*) assim descreve a pacificação após várias tentativas de dar cabo a este grupo étnico:

Álvaro Rodrigues Adorno, morador na Cachoeira do Paraguassu, fronteiro vigilante e audaz, que naquelas paragens se opunha heroicamente às investidas dos bárbaros, num dos encontros havidos com estes, nos campos próximos, conseguiu apanhar vivas duas jovens, que trouxe para casa. Uma delas faleceu em breve. A outra tratou carinhosamente, domesticou, ensinou-lhe a língua geral. Deu-lhe vestidos, espelhos, pentes, e rede, mandando-a voltar para os seus. Recusou-se a cunha a fazê-lo, tão bem se sentia com a vida civilizada. Então lembrou-se Álvaro Rodrigues Adorno de utilizá-la como mediadora da paz entre os seus e os portugueses, ao que deu ela pleno consentimento. Instruiu-a para ir ter com a tribo, e persuadi-la a vir procurá-lo, sem medo nem receio algum, pois a todos receberia e trataria amigavelmente, dando-lhes muitos presentes. (...) acabaram os terríveis hunos caboclos por se submeterem completamente aos brancos, naquela comarca, e até muito longe. (CAMPOS, *op. cit.*, p. 89-90)

Os Aymoré haviam sido amansados bem ao gosto do colonizador, teriam caído sob o jugo dos presentes dos moradores, da amizade da sua *tapuia conversa*, a índia Margarida e do fronteiro Adorno, contudo, não esqueçamos que estamos num exercício de reflexão tendo como referência um grupo Macro-Jê, o que quer dizer que estando os Aymoré amansados, a cisparidade típica destes povos nos leva a olhar com respeito e na necessidade em se aprofundar no fato de que os povos mencionados durante o século XVII como ferozes são os Geren, Gren, Gueren, Kren ou Okren, que assim são subgrupos Aymoré, mais tarde conhecidos por Botocudo, Borun. Noutras palavras: amansou-se o Aymoré de tempos antigos, mas seu fruto continuou ruim ao gosto do colonizador, pois sua cria só confirmava a sua condição de identidade de resistência e que atravessou séculos.

Contra este povo, que representavam obstáculos ao avanço colonial, foram decretadas Guerras Justas no Século XIX, após a chegada da Família Real, eles sofreram o avanço da pecuária e da cacauicultura, assim como outros, e hoje pode ter sua memória vivenciada em grupos Krenak (Minas Gerais) e em ramificações dos Pataxó Hã-Hã-Hã (Bahia). Aquela *humanidade anti-humana* ainda que tenha se humanizado, continuara indômita e avessa!

## Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

CAMPOS, Silva. *Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1981.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol 1, Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995. 96 p.

EMMERICH, Charlotte; MONSERRAT, Ruth. *Sobre Aymorés, Krens e Botocudos – notas lingüísticas*. Ministério da Agricultura/Fundação Nação Nacional do Índio/Boletim do Museu do Índio. Antropologia, nº. 3 Outubro 1975.

FREITAS, Affonso A. de. *Vocabulário nheengatú (vernaculizado pelo português falado em São Paulo)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil - História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo*. Fondo de Cultura Económica. México. 1982. 884 p.

GUERREIRO, Manuel Viegas. *A carta de Caminha lida por um etnógrafo*. Dia da Comunidade Lusobrasileira; Secretaria de Estado da Emigração; Belmonte, 1985.

OLIVEIRA, Augusto Marcos Fagundes. *Ser pataxó: educação e identidade cultural – Orientadora: Marli Geralda Teixeira. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal da Bahia / Universidade Estadual de Santa Cruz. Faculdade de Educação. Ilhéus: UFBA/UESC, 2002.*

PINTO, Estevão. *Os indígenas do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

PINTO, Estevão. *Introdução à história da antropologia indígena no Brasil (século XVI)*. Ediciones especiales: Num. 36. México, DF.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional; [Brasília, DF]: INL, 1987.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. São Paulo: Editora das Américas, 1957, vol. 5.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cossac & Naify, 2002.